



Identidade Tradicionalista - Evidências da Relativização Cultural em Santa Catarina¹

Ariele Silverio Cardoso²

Maria Elisa Máximo³

Instituto Superior Luterano de Educação de Santa Catarina (Ielusc), Joinville, SC

Resumo

Já se sabe que o tradicionalismo gaúcho é cultivado nas mais diversas regiões do país e até mesmo do exterior. Mas, afinal, como se dá a propagação desta cultura? Como é possível que catarinenses natos, muitas vezes sem contato familiar algum com a cultura tradicionalista gaúcha possam identificar-se com ela e vivenciá-la? O presente trabalho se propõe a analisar o processo de relativização da cultura gaúcha, partindo da institucionalização do Movimento Tradicionalista, desde a criação do primeiro CTG até os dias atuais. Conceitos como tradição e tradução, cultura ou sociedade de fronteira, identidade e identificação são elementos constituintes deste trabalho, e fundamentais para a compreensão deste universo particular. Este artigo é resultado de uma pesquisa iniciada em 2008, e que hoje está sendo considerada na elaboração do projeto que deverá originar minha monografia.

Palavras-chave: cultura; história; tradicionalismo gaúcho; relativização; identidade.

O Início - O Grupo dos Oito e a primeira Ronda Crioula

Tudo começou com o traslado do corpo de David Canabarro, um dos heróis da Guerra dos Farrapos⁴, de Santana do Livramento para Porto Alegre. Naquela ocasião, em 05 de setembro de 1947, João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes foi convidado a prestar uma homenagem a Canabarro. Por se tratar de uma figura épica na história gaúcha, Paixão Côrtes resolveu reunir alguns colegas estudantes do Colégio Júlio de Castilhos, da capital, para desfilarem pilchados⁵. A idéia logo se estendeu para a realização de uma

¹ Trabalho apresentado no DT IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo do Ielusc, email: ariele_sc@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Ielusc, email: elisamaximo@gmail.com

⁴ Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha: Aconteceu no período de 1835 a 1844. Os Farroupilhas voltaram-se contra o Império, pedindo maior autonomia política e revoltados com a centralidade do governo e a pouca atenção econômica dada à Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (hoje somente Rio Grande do Sul).

⁵ Pilcha: Diz-se da indumentária tradicional do gaúcho (bombacha, lenço, guaiaca, vestido de chita...).



semana e meia de comemorações, que iniciariam em 07 de setembro, dia em que se comemora a independência do Brasil, e terminariam somente no dia 20, data oficial do início da Revolução Farroupilha. Nesta data, em 1835, os soldados republicanos (ou farrapos) invadiram a ponte da Azenha, em Porto Alegre, e iniciaram um confronto com a Guarda Imperial, tomando o Palácio Piratini (sede do governo) e decretando o começo da Revolução.

Naquele 07 de setembro de 1947, Paixão Côrtes retirou uma centelha da Chama da Pátria e transformou-a no que hoje conhecemos por Chama Crioula. Estava em companhia de Fernando Machado Vieira e Cyro Dutra Ferreira. Foram realizadas diversas palestras, exposições, festas e desfiles durante aqueles dias. Todos os eventos estavam relacionados à memória da Revolução e dos costumes tradicionalistas. Côrtes relata como era o comportamento na época:

Não se tomava mate publicamente e nem havia churrascarias comerciais, não se tocavam as músicas nativistas e nem se vestiam roupas tradicionalistas. Tudo isso estava escondido nos galpões. (...) Até 1947, nas cidades, esse gaúcho era tachado de grosso, caipira. A própria sociedade rural do interior não valorizava seus elementos nativos. (CÔRTEZ, 2007, p. 09)

Oliven reforça o relato de Paixão Côrtes, citando que “no final da década de setenta era voz corrente que a tradição gaúcha estava em vias de extinção ou que se encontrava reduzida a bolsões de tradição e folclore” (OLIVEN, 2006, p.11). O enfraquecimento da cultura, segundo ele, foi intensificado pela tomada do poder nacional pelos militares, durante a ditadura. O objetivo deles era, aos poucos, promover a integração do país:

Os militares que tomaram o poder em 1964 promoveram uma modernização conservadora que ocasionou uma gradativa centralização política e econômica. Isso significou, entre outras coisas, que a televisão brasileira com suas novelas passou a alcançar um número crescente de domicílios promovendo o que se imaginava, uma cultura cada vez mais nacional. Considerando que o rio Grande do Sul tornou-se um estado industrializado, em que a grande maioria da população é urbana, pensava-se que não haveria muito espaço para a figura rural e equestre do gaúcho. (OLIVEN, 2006, p.11).

Institucionalização do Movimento



A Ronda Crioula que homenageou Canabarro deu ânimos aos jovens que, passadas as festividades, criaram um Departamento de Tradições Gaúchas em uma pequena sala no “Julinho”, como era conhecido o colégio. Cada vez com mais adeptos, as reuniões começaram a ser realizadas na casa de Paixão Côrtes, devido principalmente ao pouco espaço disponibilizado pelo colégio. As mateadas⁶ logo reuniram mais pessoas e, em 1948, 24 integrantes do departamento decidiram criar um Centro de Tradições Gaúchas, o primeiro que se têm notícias, chamado 35 CTG⁷.

A partir deste momento, criou-se um lugar de propagação e de preservação da memória e costumes gaúchos. Logo os CTGs se espalharam pelo Rio Grande do Sul e pelo país e foi necessária a criação de um órgão superior, que regulamentasse e fiscalizasse as atividades. Com esse objetivo foi fundado o Movimento Tradicionalista Gaúcho, em 27 de novembro de 1967. A iniciativa traduz-se, por assim dizer, em uma institucionalização do movimento. A organização permitiu a relativização da cultura tradicionalista gaúcha, e facilitou o acesso de pessoas até então externas a esse processo. Pessoas que não nasceram naquele contexto ou que, até então, não haviam tido nenhuma forma de contato com os costumes gauchescos. Stuart Hall, utilizando idéias de McGrew, explica como é possível identificarmos o processo de revitalização (globalização) da cultura: “Como argumenta Anthony McGrew (1992), a ‘globalização’ se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado.” (HALL, 2003, p. 67)

O processo de apropriação da cultura tradicionalista gaúcha por essas pessoas que inicialmente não tinham contato com o tradicionalismo pode ser considerado diferente das que obtêm os costumes e conhecimentos por meios familiares, normalmente transmitidos de geração a geração. Sendo assim, é possível afirmar que, pelo fato não terem nascido gaúchas, elas não são gaúchas? Há várias opiniões quando suscitamos essa dúvida. Há quem acredite que gaúcho é quem nasce no Rio Grande do Sul. Para outros, gaúchos são os criadores de gado e trabalhadores rurais da região sul da América Latina – e isto inclui Uruguai, Argentina, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Há ainda quem considere que gaúchos são aqueles que tomam

⁶ Mateada é o nome dado à roda de chimarrão, onde gaúchos tomam mate e trocam causos e histórias.

⁷ O nome homenageia o ano de início da Revolução Farroupilha (1835).



chimarrão, dançam em fandangos⁸, freqüentam CTGs e mantêm acesa a chama tradicionalista. As controvérsias caem por terra quando levantamos a tese de cultura independente da naturalidade ou nacionalidade de cada um. Damatta trata a cultura como “um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado” (DAMATTA, 1981, p. 3). Para o autor, o simples compartilhamento de costumes pode configurar indivíduos como integrantes de uma mesma cultura.

É justamente porque compartilham de parcelas importantes desse código (a cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas, transformam-se num grupo e podem viver juntos sentindo-se parte de uma mesma totalidade. (DAMATTA, 1981, p.3).

O próprio resgate dos costumes tradicionalistas pode ser polêmico nesse sentido. Paixão Côrtes descreve⁹ que, ao sentir que a cultura de consumo americana estava cada vez mais presente na sociedade e sendo cada vez mais divulgada, percebeu que havia a necessidade de “trazer para os dias atuais” a cultura vivenciada pelos seus ancestrais, nas estâncias do interior do Rio Grande do Sul. Côrtes visitou diversos municípios do Estado, juntamente com Barbosa Lessa, conhecendo famílias e fazendo um levantamento da forma como os costumes eram manifestados. Por meio de entrevistas, foi aos poucos redescobrimo músicas, danças e indumentárias. Seu método de pesquisa possibilitou uma tradução da cultura que era vivenciada na época e de como era vivenciada. Esse levantamento histórico permitiu o conhecimento do passado e ajudou Paixão a criar um vasto acervo sobre o homem gaúcho.

A partir deste momento, o tradicionalismo gaúcho passou por fases distintas, que em determinado momento possibilitaram a maior divulgação dos seus costumes. Oliven pode ajudar a entender melhor o contexto dos movimentos pelos quais a cultura tradicionalista gaúcha passou, em especial nos meandros de 1990, o que o autor chama de “renascimento do gauchismo”. Para Oliven, a propagação da cultura tradicionalista gaúcha está diretamente ligada à migração de pessoas que mantinham e cultivavam aqueles costumes.

As décadas de oitenta e noventa foram marcadas por um intenso crescimento das coisas ligadas ao Rio Grande do Sul com a disseminação de Centros de Tradições Gaúchas em todo o estado, em

⁸ Fandangos: Como são chamados bailes ou arrasta-pés com músicas tipicamente gaúchas.

⁹ Entrevista realizada em 04/09/2009, por telefone.



outros estados e países para onde migraram gaúchos, surgimento de vários festivais de música nativista, rodeios, programas de televisão e rádios. Colunas de jornais, livros e editoras especializadas, restaurantes, etc. Trata-se de um mercado de bens simbólicos e materiais que movimenta um grande número de pessoas e que está em expansão. Esse mercado é formado em boa parte por jovens das cidades e de classe média que provavelmente cairiam de um cavalo se tentassem cavalgá-lo. (OLIVEN, 2006, pp. 11-12).

Isso se deve, em muito, pela divulgação crescente da mídia daquela época. O gauchismo estava mesmo em ascensão. A força da Indústria Cultural, nesse contexto, era evidente. Diversos cursos de dança gaúcha surgiram no mesmo momento em que vários Centros de Tradição Gaúcha foram criados. A cada mês que passava, o tradicionalismo agregava mais adeptos. Talvez, fossem esses mesmos jovens de classe média que, conforme a afirmação de Oliven citada acima, não conseguiriam sequer cavalgar¹⁰. Pouco importava se os participantes destes fandangos conheciam a origem e a história das danças que executavam. O essencial, ali, era estar na moda. Como todos os outros, inseridos no mesmo grupo, compartilhando os mesmos códigos culturais. Tornavam-se mais gaúchos a cada novo passo de dança aprendido. Dia a dia, sua identidade tradicionalista ficava mais evidente.

Tradição ou tradução?

O que Côrtes e Lessa pesquisaram foi levado para os CTGs e vivenciado como sendo tradicional. O tradicionalismo gaúcho, nesse sentido, pode ser visto como traduzido? Apesar de repassada de geração por geração, o resgate dos costumes se deu a partir de relatos, de entrevistas. Podemos considerar isso como uma tradição? Para Hall, as pessoas que vivenciam uma tradição e que têm contato com outras culturas ou participam de outras manifestações culturais, devem ser vistas de outra forma:

A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa particular”). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas são irrevogavelmente traduzidas. (HALL, 2003, p. 89).

¹⁰ A cavalgada é considerada uma atividade básica para o tradicionalismo gaúcho, devido à sua forte utilização nas lidas campestres.



Tradução é um termo originado no latim. De acordo com Salman Rushdie, tradução significa “transferir; transportar entre fronteiras” (Rushdie, 1991). Podemos usar esse conceito para classificar os catarinenses com hábitos culturais tipicamente tradicionalistas gaúchos? Os próprios tradicionalistas rio-grandenses do sul podem ser vistos desta forma, como tendo recebido uma tradução da cultura? Se o conhecimento que possuem acerca dos seus costumes foi adquirido dentro de CTGs e o conhecimento dos CTGs foi obtido através de pesquisas, podemos considerá-lo tradicional ou, na verdade, é um costume traduzido?

Este, ao que parece, é o mesmo caso dos gaúchos de qualquer naturalidade. Tenha ele nascido em Santa Catarina, na Bahia ou na Amazônia, a partir do momento que tem contato com a cultura e a vivência, passa a ser visto como gaúcho. O churrasco, o chimarrão, a pilcha, a música, as danças, o fandango, as lendas, os causos, as trovas, o linguajar, a doma, a lida de campo, as cavalgadas e todas as outras promiscuidades cotidianas desse conjunto de pessoas é o que os identifica como gaúchos. Hall explica que essas são características comuns do mundo globalizado. Cultura, sendo assim, não tem ligação com o lugar onde nascemos.

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição*, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (HALL, 2003, p. 88).

Essas transições de que fala Hall são como um desencaixe, um processo resultante do dinamismo da modernidade. Segundo Giddens o conceito de desencaixe pode ser explicado como o “descolamento das relações sociais dos contextos locais e sua rearticulação através de partes indeterminadas do espaço-tempo” (GIDDENS, 2002, p. 24). Como nos exemplos já citados, um rio-grandense do sul que se desliga de sua terra natal e muda-se para Santa Catarina poderá continuar vivificando a cultura tradicionalista, mas o desencaixe pelo qual passou fará com que sua cultura passe por transições que a transformem em outra cultura, uma cultura nova e singular, resultante dos seus novos ambientes, das novas experiências e até mesmo da nova pessoa em que se transformará.



A cultura tradicionalista gaúcha em Santa Catarina

A criação de lugares de preservação dos costumes (os CTGs) e a revitalização da memória tradicionalista permitiram a transmissão dos costumes gaúchos a outras culturas. Começou, então, a haver uma troca de signos e códigos entre indivíduos de culturas diferentes. O gaúcho começava a estabelecer o paralelo entre o seu mundo e o do outro, exercitando uma relativização cultural e permitindo que outras culturas também pudessem relativizar. A própria linguagem age como um sistema de manifestação e de difusão da cultura, por ser parte integrante dela e um importante veículo de transmissão da tradição, como no pensamento de Clifford Geertz, em que a cultura não se dá na mente humana, mas sim no compartilhamento dinâmico da sociedade. “A comunicação é um processo cultural. A linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral” (LARAIA, 1999).

Paixão Côrtes acredita que o exercício de relativização é necessário, “temos que partir do regional para o universal e trazer o universal para o galpão. O importante é não perdermos nossas raízes mais puras” (CÔRTEZ, 2007, p. 08). Segundo o autor, o principal motivo de fazer com o que o tradicionalismo gaúcho permaneça com uma única essência, é basicamente econômico. O autor preocupa-se com as pessoas que não conhecem a cultura e têm seu primeiro contato nos CTGs:

O movimento também está colaborando com a economia, com o turismo, porque vêm muitos turistas querendo conhecer a música, a dança, comprar discos, beber o nosso vinho, tomar chimarrão, degustar nossa gastronomia. Daí o cuidado e a responsabilidade que temos para que essas mensagens culturais, artísticas, campeiras, tenham sustentáculo baseado na pesquisa, na documentação e fuçamos do fantasioso gracioso e dos uniformes militarizados. (CÔRTEZ, 2007, p. 08).

O MTG, ao ser fundado em Santa Catarina, também passou por um processo de relativização. Até então, só tinha contato com a cultura tradicionalista gaúcha quem fosse ao Rio Grande do Sul, visitasse um CTG ou uma família do interior do estado. A cultura tradicionalista catarinense, apesar de ter seu início com a vinda dos tropeiros do Rio Grande do Sul, principalmente para a região oeste, ganhou força a partir da criação do MTG de Santa Catarina, fundado em 18 de maio de 1973. Com a institucionalização, muitas pessoas que antes não conheciam a cultura tradicionalista gaúcha ou conheciam



por reportagens ou livros, puderam ter contato e fazer parte do tradicionalismo. Tornaram-se gaúchas.

O compartilhamento de códigos e a tradição transmitida pela oralidade

Mas, afinal de contas, como acontece o processo de transmissão desses conhecimentos? Como se dá a propagação de uma cultura? A relativização cultural necessita, obrigatoriamente, da comunicação para existir. Para entender, tentemos analisar a teoria de existência de uma “cultura de fronteira” ou “sociedade de fronteira”. Hartmann explica que na fronteira há não apenas uma divisão, uma linha que divide os territórios, mas uma faixa de interfaces, onde as culturas se cruzam e os costumes são compartilhados. A autora defende que,

de acordo com Cardoso de Oliveira (1994, p. 53), a idéia de fronteira incorpora um caráter contraditório: ao mesmo tempo que separa nações, ressaltando suas identidades, pode também diluí-las, já que define a primeira porção de tangência, com a potencialidade de expressar um espaço de identificações. (HARTMANN, 2004, p. 135).

Nas suas palavras, “ainda que haja uma ‘linha’ (que, mesmo no caso da fronteira seca, apesar de invisível, é lembrada), uma ponte ou um marco de limites, de um lado e de outro as sociedades constituem-se, igualmente, como ‘sociedades de fronteira’” (HARTMANN, 2004, p. 134). Santa Catarina e Rio Grande do Sul podem ser conceituados dessa forma? Certamente a proximidade geográfica existente entre os estados possibilitou, por meio da comunicação fronteiriça, que a relativização ocorresse em amplitude. Podemos entendê-los, ainda, como dois estados fronteiriços que compartilham códigos de cultura não somente pelo fato de estarem próximos, mas também por estarem ligados historicamente. Santa Catarina participou ativamente da história da Guerra dos Farrapos (inicialmente uma revolta rio-grandense do sul), e os tropeiros marcaram suas trajetórias pelos caminhos que percorreram em Santa Catarina.

Para Tomaz Tadeu da Silva, a cultura também é transmitida através da oralidade. A comunicação é fundamental para a transmissão de costumes, de histórias, de tradições. No caso gaúcho, a proximidade dos dois estados e a oralidade praticada entre seus habitantes fortalecem ainda mais o compartilhamento do tradicionalismo. O processo de construção de uma identidade tradicionalista gaúcha em Santa Catarina depende – e muito – da comunicação. É a comunicação que torna possível a



relativização e fortalece os laços entre os estados vizinhos. “Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas.” (SILVA, 2000, p. 8).

Ainda assim, com a interface de costumes, com o repassar da cultura gaúcha facilitado por meio da fronteira, é possível dizer que o tradicionalismo de Santa Catarina é cultivado exatamente como no Rio Grande do Sul? Primeiramente, em uma resposta quase óbvia, dizemos que não. Resta-nos saber por que essas diferenças existem...

Segundo Hall, a transformação da cultura e suas diferentes interpretações a partir do momento da relativização são naturais:

À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (HALL, 2003, p. 74).

Assim, podemos entender as diferenças existentes nas manifestações tradicionalistas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, por exemplo. As diversas mudanças pelas quais a cultura passou durante sua relativização tornarão as manifestações distintas. É impossível pensarmos em uma cultura única, sem diferenças, se esta foi repassada (e todas as culturas são transmitidas, de alguma forma). O tradicional, na verdade, passa por diversas traduções até chegar ao indivíduo que hoje pratica os costumes gaúchos. Além disso, cada costume será interpretado de forma diferente, dependendo do próprio indivíduo que o pratica, sua vivência e suas experiências anteriores.

Identidade ou identificação? A apropriação da cultura gaúcha em Santa Catarina

O processo de apropriação da cultura gaúcha por catarinenses é mais complexo do que podemos imaginar. Trata-se de uma construção de identidade. Uma identidade que muitas vezes não tem laços familiares, não tem ligação alguma com o tradicionalismo. Parte de uma identificação. Um apego, um gostar. Uma identidade que não necessariamente seja una, imutável. Identidade que não pertence a uma só cultura. Silva ajuda-nos a compreender a complexidade que envolve essa construção.



Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2000, p. 97).

Sendo assim, vamos considerar que gaúcho não é quem nasce no Rio Grande do Sul. Um tradicionalista gaúcho pode, amanhã, não estar mais ligado ao tradicionalismo. Terá novos costumes, novos hábitos, novas preferências. Assim como um catarinense que nunca teve contato com um CTG pode identificar-se com a cultura gaúcha e passar a vivenciá-la. Ao mesmo tempo, segundo Hall, podemos ter várias identidades. A mudança “constante, rápida e permanente” é, segundo ele, uma característica das sociedades modernas.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade cultural unificada desde o nascimento até a morte é porque constituímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’ (veja Hall, 1990). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2003, pp. 12-13).

Ao mesmo tempo, Hall defende que podemos possuir várias identidades, e que estas várias identidades estão em constante processo de formação. “Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2003, pp. 38-39).

Afinal, é possível acreditarmos na existência de uma *identidade* tradicionalista gaúcha em Santa Catarina? A interface com outras culturas não a caracterizaria como *identificação*?



Considerações finais

A idéia de alguns jovens que, à época, poderiam ser chamados de loucos, por desfilarem pilchados em plena cidade de Porto Alegre, tomou amplitude mundial. Sua dedicação à pesquisa e o esforço notado para que os seus antepassados pudessem ser lembrados em seus rituais, levou à criação de mais de 3.600 CTGs, com mais de três milhões de pessoas participando ativamente de suas atividades.

O processo de relativização, aí, se mostra presente em abundância. A fronteira geográfica ultrapassada e a possibilidade de compartilhar códigos da mesma cultura com pessoas do outro lado do mundo é, mais do que nunca, uma realidade. Tudo isso, claro, pela organização de mais pessoas que haviam se envolvido no processo, e pela vontade de estarem unidos por uma mesma causa.

Acontece, claro, que esse processo tem seus prós e contras, como a impossibilidade de manter o tradicionalismo como ele era cultivado há mais de 100 anos. Novas pessoas, cada um à sua maneira, vão criar novos costumes, que também serão tradicionalistas. A bombacha ganhará novas formas, os vestidos de chita terão bordados modernos, tecidos cintilantes. A tradição, então, passa a ser considerada como tradução. Uma modernização, em parte, de uma cultura existente há muito, muito tempo. A lida no campo deixou de ser uma exigência para o indivíduo sagrar-se gaúcho. Hoje, mais que antes, é preciso levar em consideração, ao pensarmos em cultura, as suas transições ao longo dos anos.

Cada nova pessoa que se identificar com a cultura tradicionalista gaúcha verá aqueles costumes de formas diferentes, a interpretará. Seguirá aquilo em que acredita da forma que quiser. Na transmissão de seu conhecimento para outra pessoa, poderá criar uma nova interpretação, e outra cultura surgirá. As fronteiras estão além das demarcações geográficas de território, neste caso.

A proximidade dos estados contribui, e muito, para a preservação da memória de um povo. São resultados percebidos quando a tradição é transmitida pela oralidade. Novas formas de se pensar uma mesma cultura poderão surgir, e é preciso entender que estes são resultados naturais da relativização, e até mesmo da globalização. Continuarão acontecendo, apesar dos esforços de muitas pessoas para tornar regulamentadas pequenas coisas no tradicionalismo, na intenção de preservá-lo exatamente como era há mais de 100 anos...



Referências

DAMATTA, R. “Você tem cultura?”. **Explorações: Ensaios de sociologia interpretativa**, RJ, Rocco, 1986: 121-128.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUARDIÃO da cultura gauchesca. **Jornal Clube do Aposentado PanVel**, nº 48, ano 5, Porto Alegre, 2007

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 8ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARTMANN, L. **Aqui nessa fronteira onde tu vê beira de linha tu vai ver cuento...: tradições orais na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

LARAIA, R. de B. “Da natureza da cultura ou da natureza à cultura”. **Cultura: Um conceito antropológico**, RJ, Zahar, 1999.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo: a diversidade cultural no brasil-nação**. 2ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

RUSHDIE, S. **Imaginary Hornelands**. Londres: Granta Books, 1991.

SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.